



AS CRIANÇAS E SUAS CULTURAS: A PERCEPÇÃO DE GÊNEROS, SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DOS DESENHOS ANIMADOS

Elziane do Socorro Marques dos Santos; Renner Douglas Gonçalves Dutra; Geissy dos Reis Cruz Costa

Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP.
elzimorena@hotmail.com; rennergoncalvesdutra@hotmail.com; geissyreisflor@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho objetiva compreender as influências da mídia nas significações simbólicas das crianças a partir dos desenhos animados. A temática parte da inquietação em saber como se apresentavam estas manifestações nas suas relações com seus pares e com os adultos no contexto escolar. Tal inquietação surgiu durante as atividades práticas desenvolvidas na disciplina Estágio com Pesquisa em 2014. Como suporte teórico, utilizou-se os estudos de Àries (1981), Buckingham (2006), Corsaro (2011), Sarmiento (2011), Odinino (2009), Louro (1997), Kellner (2001), Geertz (2008) Kramer (2002), Graue&Walsh (2003), entre outros que serviram como base para nosso diálogo e discussões. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental composta por 30 (trinta) crianças que, no entanto, somente 22 (vinte e duas) participaram diretamente deste processo, assim como a parceria da docente titular da turma. O estudo foi desenvolvido metodologicamente na pesquisa de natureza qualitativa, como método de abordagem Fenomenológico e o de procedimento do tipo etnográfico, onde fez-se uso de instrumentos que captassem as múltiplas linguagens infantis, como o gravador, máquina e da fotografia. Quanto aos resultados construídos nesta pesquisa emergiram das vozes das crianças, permitindo compreendê-las como atores sociais, ativos, não são passivos diante das mídias, que nas suas interações com seus pares adotam elementos dos super heróis e heroínas que fazem parte de seu cotidiano. Neste trabalho se apresentam fronteiras entre meninos e meninas, que de espectadoras se tornam consumidoras, numa dimensão rica que também se aprende brincando.

Palavras-chave: Infância, Crianças, Mídias, Desenho animado, Interação.

INTRODUÇÃO

Ao esboçar o projeto que se tornou a base para a construção deste trabalho¹, percebemos que fora apenas rascunho, o verdadeiro desenho aqui apresentado foi carregado de desafios, constantes reelaborações, mas agora se configura em um significativo estudo construído com a ajuda das crianças e não sobre elas.

Este foi um dos desafios neste trabalho, desconstruir um olhar historicamente construído pelos adultos, da criança ingênua, passiva, um pequeno adulto miniaturizado. Por as considerarmos como atores sociais, construtores de cultura, pautamo-nos na Sociologia da Infância. Reconhecendo as vozes das crianças como voz influente, este processo tornou-se desafiante na medida em que conseguimos olhar o invisível nos momentos de convivência,

¹ Neste trabalho ressaltamos uma das três categorias que emergiram das vozes infantis que apresentamos em nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

onde suas vozes devem ser ouvidas como condição para se entender como aprendemos e como compreendemos a sociedade e a nós mesmos.

Deste modo, se faz necessário uma profunda reflexão a respeito dessa construção, sobretudo quando ela busca vincular em sua prática, uma visão centrada na criança, de forma simplista, que as veem como crianças não ingênuas ou passivas, quanto geralmente se crê. A exaltação da sofisticação das crianças como usuárias de mídia, pode levar-nos a negligenciar o fato de que existem áreas sobre quais elas precisam saber mais, é uma das inevitáveis preocupações tanto dos educadores quanto dos regulamentadores da mídia. Diante disso, buscou-se investigar *qual a influência da mídia nas ressignificações simbólicas culturais da infância a partir dos desenhos animados*.

As discussões que ensejamos neste trabalho são norteadas pelo objetivo de compreender quais as influências da mídia nas ressignificações simbólicas das crianças a partir dos desenhos animados no contexto escolar, desdobrando-se em objetivos específicos que se procurou observar como os teóricos abordam a temática em questão, verificar como as crianças ressignificam a influência da mídia através dos desenhos animados no contexto escolar, e apresentar as percepções das crianças a partir dos desenhos animados.

Para melhor compreendermos este estudo pautamos em uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando como escolha o método fenomenológico que foi essencial para compreendermos os significados dado pelas crianças em relação ao foco de nossa pesquisa, servindo nos método de procedimento do tipo etnográfico, este nos permitiu apresentar os resultados vivenciados no cotidiano escolar das crianças que nos permitiu compreendê-las como atores sociais que interagem de forma dinâmica com seus pares e adultos.

A partir das vozes infantis emergiram as categorias que nos auxiliaram a compreendê-las como sujeitos ativos, dinâmicos, atores sociais que se apropriam da cultura, e as reconstroem nas relações de alteridade com seus pares e com os adultos, nos trazendo informações ricas em que é preciso reconstruir o olhar para compreender os detalhes de uma pesquisa com crianças.

Entre Princesas e Alienígenas: Percurso Metodológico

Para responder aos questionamentos desta pesquisa foi necessário realizar procedimentos que nos permitiram compreender as questões que envolvem a temática. Desse modo utilizamos a abordagem qualitativa que se configurou em uma atividade sistemática orientada à compreensão da abordagem fenomenológica, pois nos permitiu compreender a realidade além das aparências que se apresentaram. Deste modo, nos servimos do método de

procedimento do tipo etnográfico, ao usarmos a expressão dos estudos tipo etnográfico não estamos afirmando fazer etnografia conforme entendimento a Antropologia, pois segundo André (2008) atribuímos o termo tipo etnográfico por usarmos elementos característicos deste método como a observação participante.

Ao realizar uma pesquisa em que as crianças tornam-se parceiras neste percurso, faz-se necessário buscar uma metodologia que responda aos objetivos visando efetivá-la. E ao buscarmos sustentação na Sociologia da Infância que considera a criança como uma voz influente, nos pautamos em Sarmiento (2007) ao considerar a voz das crianças como algo 'cinestésico' que se exprime não somente por palavras, mas envolve múltiplas linguagens como gestos, posturas corporais, desenhos. É o que percebemos nas crianças protagonistas desta pesquisa, interesse este surge durante as atividades práticas da disciplina Estágio com Pesquisa no ano de 2014.

As crianças participantes da pesquisa estavam com a idade de 6 anos e se encontravam no 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental. Para garantir a viabilidade da pesquisa conversamos com 30 pais para que participassem da mesma, porém apenas 22 pais permitiram que seus filhos participassem após a assinatura do Termo de Consentimento. No entanto não basta que os pais formalmente autorizem as crianças a participarem e sim que elas como colaboradoras pudessem escolher ou não participar da mesma. Diante disso, convocamos as crianças, para discutir e deliberar o seu desejo em participar. Apresentamos o texto autorizado pelos seus pais, lemos com eles e pedimos a eles que se quisessem participar assinassem na linha acima da assinatura de seus pais. Com essa manifestação desejamos evidenciar que a criança é sujeito e por isso pode livremente escolher participar da ação.

Diante disso surge a questão ética da participação das crianças na pesquisa ao que se refere ao uso de suas imagens, e de seus nomes verdadeiros, ou seja, se podemos usá-los ou não. Com finalidade de elucidarmos tal dificuldade nos valemos de Kramer (2002) quando orienta sobre a preocupação de revelar ou não a identidade das crianças. Com base nesta observação optamos pela escolha livre de nomes fictícios que as representariam na composição final da escrita deste trabalho o qual resguardaria suas identidades na medida em que seu envolvimento na construção da pesquisa nos trouxesse algum elemento que pudesse ser caracterizado como risco para integridade física ou moral em que dedicamos uma manhã para as discussões a cerca dos nomes elegidos por eles.

Para escolhermos os desenhos animados que serviram de base para a construção das oficinas fizemos da seguinte forma: distribuímos fichas coloridas de papel para que eles apresentassem seus desenhos preferidos e com base nesses catalogamos os apresentados, para

que pudéssemos juntos fazer a escolha dos mais votados que seriam assistidos por nós nas oficinas.

A primeira película mais votada a ser exibida foi Frozen, uma aventura congelante, filme produzido pela Walt Disney Animation Studio, com duração de 01h, 48 minutos, história inspirada no conto de fadas A rainha da neve de Hans Christian Andersen, produzido por John Lasseter e dirigido por Chris Buck e Jennifer Lee.

Realizada a primeira oficina, após alguns dias, retornamos com a segunda oficina com a película Ben10 e Ominitrix, a mais votada entre os meninos. Esta foi criada em 2005, por Duncan Rouleau, Joe Casey, Joe Kelly e Steven T. Seagle integrantes do projeto Man of Action (Homem de ação). A história apresenta o personagem principal Benjamin Tennyson, com 10 anos de idade, este torna-se um herói em potencial a partir de um dispositivo extraterrestre que lhe permite se transformar em vários alienígenas.

Após as exibições, realizamos o momento do conto e reconto a partir de suas percepções e a produção de desenhos com intuito de colocar seus posicionamentos. Nestes momentos são reafirmadas as nossas bases de análise, porém são nos momentos que se seguiram fora do contexto de sala que percebemos mais perceptíveis que em suas vozes expressavam os referenciais expostos pelas mídias, a cada momento marcado pela dinamicidade das crianças tínhamos que ficar sempre atentos ao que poderia acontecer, pois cada momento era muito novo e rico em informações. Por isso, fizemos o uso das notas de diário de campo para descrever as observações durante a investigação, sendo outro momento bastante marcante quando chegávamos à Escola e as crianças vinham ao nosso encontro e naqueles momentos aconteciam as rodas de conversas. Como sempre trazíamos o gravador e fazíamos uso do mesmo para captar as vozes.

Desta forma, as interações entre as crianças apresentam uma notoriedade de detalhes que a primeira vista não há uma reflexão imediata, no entanto quando são capturadas por meio das fotografias e/ou outras formas de registros, estas se tornaram uma fonte de dados impregnada de significados que mostram as ações dos sujeitos e se torna um convite a uma constante releitura onde há um entrelaçamento entre quem a tirou e quem a contempla na medida em que se procura compreender sua subjetividade (KRAMER, 2002).

De posse destes elementos que se apresenta nos contextos externos da escola ricos em detalhes e contrapondo a sala de aula em suas atividades diárias que nos dá um elemento novo que muitas vezes não é considerado com significado no processo de aprendizagem pela escola. Dessas atividades, o desenho das crianças é o que mais se destaca. Conforme Sarmiento (2007) é uma produção simbólica das crianças onde se constitui como linguagem,

expressão e uma conversa própria que se representa por meio de símbolos gráficos repletos de relações de todos os tipos, um rico universo de imagens e de ideias. Destacamos que este elemento se tornou fundamental para a construção dos dados de nossa investigação, configurado a partir dos desenhos animados que serviram como base para compreendermos a relação entre as crianças e as mídias.

As crianças como condutoras de nossas reflexões: Análise e discussão dos dados

Para compreender os dados construídos a partir das vozes das crianças e as temáticas surgidas durante as discussões que nortearam nosso trabalho. Baseamo-nos desenhos animados, Frozen, Uma Aventura Congelante, Ben 10 e Omnitrix, que depois de assistidos as crianças fizeram leituras das produções de desenhos através dos desenhos animados.

Percebemos que durante nossa permanência entre as crianças diversas situações em que se fez presente um constante uso de produções midiáticas no cotidiano escolar. Sendo uma prática comum o uso do desenho animado foi que o utilizamos para que pudéssemos sentir as crianças através de suas vozes. Por isso usamos os desenhos animados como propiciadores das construções das vozes através das técnicas das oficinas.

Deste modo, apresentamos a primeira categoria expressa na voz de Ben10-2 (7anos):

Ben10-1 (7anos): Professora, o desenho que vamos assistir é de menino ou de menina?

Ben10-1(7anos): Professora, não vai ser justo se o desenho escolhido se for de menina. Não vai ser legal. Conta só. Elas são mais que agente.

Então, contamos. E por um acordo conjunto. Os dois desenhos mais votados, seriam assistidos. Fosse um de menina ou de menino. Todos concordaram. A criança que questionou disse.

Ben10- 1(7 anos): Assim é bom. Se sair um de menino e um de menina. Assistimos o primeiro num e o outro noutro dia.

De comum acordo com a professora prosseguimos com a atividade de escolha.

(NOTA DE DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Percebemos que as crianças apresentam a questão de gênero no seu cotidiano, revelando as nuances que advém dos referenciais onde estão articulados os aspectos biológico, cultural, social e o histórico sinalizando de que forma se constroem os conceitos de feminino e masculino. Corsaro (2011) ressalta que as crianças em suas relações de pares mostram uma preferência por brincadeiras que envolvam crianças do mesmo sexo, utilizando o gênero como um elemento de contraste para a construção das culturas de pares.

Deste modo, na busca por compreender como as crianças percebem a performance de gênero entre elas, nos pautamos em Louro (1997) ao evidenciar para que possamos compreender o lugar e as relações de gênero numa sociedade importa-nos observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente e culturalmente se construiu sobre os sexos. Pois, os conceitos de gêneros tratados pela autora se referem ao modo como as características sexuais entre homens e mulheres são compreendidas e representadas através das práticas sociais como processo construído pela sociedade.

Neste sentido, falar sobre a construção de identidade de gênero se torna delicado à medida que tais dimensões são concebidas a partir de diferentes olhares, em que as diferenças são postas em prática no cotidiano pelos sujeitos por meio dos atos e comportamentos que são apresentados como exclusivo de cada gênero.

Desta forma, a escolha dos desenhos pelas crianças em parceria com a pesquisadora, foi gerada após várias discussões frente ao que consideravam “ser desenho de menino” e “desenho de menina”. Dando continuidade as discussões pelas crianças houve grande inquietação a cerca do gênero. Como conceber o que seja desenho de menino ou desenho de menina? Neste contexto, percebemos que as mídias por meio dos desenhos animados produzem valores, comportamentos e modos que determinam as formas de como ser homem ou mulher na sociedade. Assim, Magali (7anos) nos diz que “*ser menina é ser educada e delicada, fazer as coisas em casa*”. Enquanto que Chaves (7 anos) nos esclarece que “*ser homem é trabalhar fora, como meu pai que sai de casa pra ajudar nas compras da gente, e minha mãe fica em casa cuidando de nós*”. Deste modo, revelou-se no jogo das escolhas dos desenhos animados que estes estão envoltos em produções de imagens com conteúdos de gêneros, onde as crianças buscam em relações com seus pares compor um processo contínuo que se faz presente a constante recriação de significados sobre si mesma e sobre os outros.

Assim, o assunto continuava sendo: o que é desenho de menina e de menino? E no diálogo percebemos.

Mullan (7 anos): Eu acho que desenho de menina é quando o herói na história é uma princesa. Onde ela resolve tudo.

Peppa (7anos) Pra mim, acho é onde aparece mais as princesas como personagem principal da história. Assim como o da Pocahontas e da Ariel.

Cinderela (7anos): Eu gosto mais quando não existe muita luta. É muito chato vê todo mundo se batendo. As mulheres são mais espertas que os homens. Por isso usam a cabeça pra resolver. E não vivem dando porrada (risos)(NOTA DE DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

As posições das meninas neste diálogo evocam a noção de heroína como mais esperta que o herói masculino no sentido de em vez de utilizar a força para conseguir seus êxitos, usa

dos argumentos para as resoluções de seus problemas. No entanto, percebemos que as meninas não somente operam os referenciais dados pelos desenhos animados, mas criam novos significados do que é ser heroína, o que deixa de lado o privilégio que somente os heróis masculinos têm de salvar o mundo, dando as heroínas também esta possibilidade. Dando continuidade a essas discussões os meninos já estavam ansiosos para falar, vendo a animação que as meninas falavam das heroínas dos desenhos que já haviam assistido, um deles retrucou:

Ben10-2 (7 anos): Professora depende. Porque tem desenhos que as meninas podem vê. Assim como os meninos também. Mas os meninos gostam mais de vê aqueles onde há luta, guerras. Eu gosto muito do Ben 10, ele defende a terra dos invasores alienígenas.

Pica-pau (7anos): Eu também, gosto do homem de ferro. Minha mãe comprou uma máscara para mim. Você viu? Aquela que trouxe no carnaval. Todos meus colegas gostaram dela. Mas também todo desenho de princesa tem um príncipe. Se não como eles iam salvar elas (risos, zombando das meninas) (NOTA DE DIÁRIO DE CAMPO, 2015)

Na fala de Ben10-2(7anos) se vê enunciada um novo ponto de vista sobre os desenhos generificados, esta nova dimensão demarca os desenhos que podem ser assistidos tanto por meninas quanto por meninos, podendo ser caracterizado como desenho de criança. Este aspecto pode ser estabelecido a partir de uma “negociação de significados”, vinculada pelas mídias num campo onde se trava continuamente o poder de significação produzida pela negociação e relação constante dos referenciais simbólicos e os posicionamentos políticos vinculados pelos produtos midiáticos (ESCOURA, 2012).

Deste modo, em suas falas observamos que os desenhos de meninas precisam conter referenciais femininos como princesas ou heroínas como figura central, como nos apresenta Peppa (7anos) em sua produção (Figura1).



Figura 1: Representação da figura feminina (Gwen) do filme Ben10.
Fonte: Peppa (7 anos), 2015

Em seus detalhes mostram que mesmo sendo considerado um “desenho de menino” e partindo de um olhar generificado as meninas significaram não somente o conjunto atrativo dos filmes, mas também sua concentração voltou-se para seus interesses como as cenas ou personagens.

Na maioria das produções das meninas são evidenciados estes detalhes femininos em forma de flores, ou nas cores rosa, que não aparecem na versão do filme em que se apresentam cores muito escuras, dando pouca visibilidade à figura feminina que vive em embate de relação com o herói da história.

Assim, ao assistirem os filmes às crianças encontravam razões diferentes para fazê-los. Demonstrando insegurança e receio no início das produções e sobre o que deveriam fazer. Esclarecemos que no desenho não seria atribuído nota ao desenho. Que poderiam desenhar livremente, pois o desenho era delas. Era a sua percepção. Assim, a turma realizou livremente seus desenhos.

Durante a realização da atividade constatamos uma forte interação entre as crianças em que elas conversam entre si destacando as cenas que mais gostaram. Observou-se que as mesmas apresentavam semelhança em suas representações.

De igual modo os meninos ilustraram em suas produções imagens de personagens utilizando os mesmos critérios que as meninas, as figuras masculinas. No entanto, nas produções referentes ao primeiro filme, Frozen, uma aventura congelante, que os meninos criaram uma resistência em desenhar o personagem do gênero feminino, como nos apresenta a ilustração de Ben10-2 (7anos) ao escolher a cena em que o mostro Marshmallow (Figura 2) é detector da força e poder ao proteger a princesa Elsa:



Figura 2: Cena de ação do filme Frozen , uma aventura congelante
Fonte: Ben 10-2 (7anos)

Na voz de Ben10-1(7anos) “a cena que mais gostei foi na hora que o monstro ataca o pessoal. Foi muito divertido vê todo mundo correndo”. Percebemos que foi uma das cenas que mais chamou atenção dos meninos durante a exibição. É a figura masculina que detém o poder nas mãos partindo de um arcabouço referencial perpassado na postura em que o homem deve ser o detentor do controle e do poder sobre os demais. Esta característica de certo modo possui relevância ao passo que os personagens no imaginário infantil constituem-se como repertórios que acabam servindo como alicerce para suas leituras de mundo com base nos elementos identitários presentes, mas especificamente aqueles que definem o gênero (ODININO, 2009).

Os meninos em seus posicionamentos esclarecem que a figura masculina nos desenhos animados deve constituir-se de poderes superiores para controlar os demais na história. Pois, o respeito pelo herói deve-se a sua estética de força ou poder que lhe é atribuído. Relacionando as duas películas dos filmes infantis, percebemos uma multiplicidade de gêneros que as mídias vinculam numa vertiginosa busca por criar uma representatividade de personagens femininas tanto quanto dos personagens masculinos.

Apesar de algumas crianças se sentirem incomodadas, evidenciamos as barreiras de gênero surgidas tanto nas discussões e produções de desenhos, traduzidas principalmente, na recusa dos meninos em desenhar os elementos característicos de meninas. O que nos permitiu compreender que há uma demarcação de gênero acionada a partir dos referenciais contidos nos desenhos animados, e também relacioná-las às brincadeiras tidas como “de menina” ou “de menino”.

Para evidenciarmos essa contradição percebemos que durante a recreação, ocorreu a seguinte situação:

Sentadas em colchonetes. Peppa (7anos), Bela (7anos), A princesa Tiana (7anos) e Cinderela (7anos) haviam trazido de casa pequenos acessórios femininos. Entre eles um espelho com a imagem da Barbie. No entanto, Bela (7anos) voltava sua atenção ao jogo de futebol realizado pelos meninos. Em certo momento, ela sai do grupo das meninas. Correndo em direção ao grupo dos meninos.

Homem de Ferro (7anos): O que está fazendo aqui? Aqui é só time de menino. O professor deu a bola para nós jogarmos.

Bela(7anos): Deixa eu jogar. Eu quero jogar com vocês. Lá tá muito chato (Apontando para o grupo de meninas)

Ben 10-2(7anos): Mas, não sabes que jogo é de menino?

Neste momento ela começa a discutir com eles, no entanto parece ter sido vencida pelos argumentos dos meninos. Sai em direção ao professor para reclamar que não a deixaram brincar. Ao qual o professor responde pedindo-lhe que seja sua ajudante para a recolha dos jogos de dama (NOTA DE DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Esta situação nos permitiu considerar que Bela (7anos) por mais que demonstrasse vontade de socializar-se com os meninos por meio da brincadeira, esta não poderia pelo fato de ser menina. Ela acabaria sendo mal vista por não se comporta adequadamente nos padrões femininos. O que nos chama a atenção nesta cena é fato da naturalização e instituição do futebol como uma categoria peculiar do sexo masculino. Deste modo, o olhar lançado pelas crianças permitiu trazerem e relacionarem os referenciais de gêneros aos filmes e brincadeiras que são trazidos por elas a partir de suas vivências e experiências na maneira como elas se posicionam frente às diferenciações de gêneros que se nos apresentam diversos contextos que fazemos parte. Um aspecto relevante nos permitiu compreender que os desenhos animados categorizados por elas como sendo de menino ou de menina, foram considerados como um filme de criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito confortável e gratificante seria dar por concluído este trabalho, mas este termo em seu sentido restrito nos colocaria numa posição de algo definitivo e, tiraria sua a categoria de processo, que é caracterizado, pela dinamicidade de sempre recomeçar. Assim, esta etapa se tornou um passo para prosseguirmos um outro caminho.

Nesta construção de compreendermos os sujeitos da pesquisa e suas relações culturais nos servimos de suas brincadeiras, onde podíamos perceber suas ações, seus comportamentos construtores e reveladores uma cultura própria. Na medida em que evidenciamos a autonomia das crianças o olhar dos professores foram ressignificados e, ao entenderem estes aspectos eles se tornaram parceiros em nossa atividade.

Neste diálogo construído com as crianças percebemos em suas vozes uma nuance velada dos referenciais transmitidos pelas mídias por meio dos personagens dos desenhos animados envolvidos por ideologias. Nas categorias surgidas das vozes das crianças, nos foi possível compreender: suas ações, seus comportamentos, seus traços no papel que os referenciais trazem nas demarcações entre gêneros. E nos garantem que tais concepções são construídas culturalmente, onde a sociedade transmite procederes como exclusivo de feminino e masculino, criando uma fronteira entre as crianças.

Deste modo, apresentou-se a faceta cruel das mídias quando em suas configurações econômicas separa ou exclui os que têm dos que não tem. Ou do que é masculino e ou feminino Estes aspectos muitas vezes se apresentaram de forma velada nas brincadeiras e nos



produtos consumidos pelas crianças que traziam a materialização dos personagens dos desenhos animados que são tidos como modelos identitários.

Entretanto, o que mais nos encantou nas múltiplas linguagens das crianças, foram as riquezas dos detalhes de suas brincadeiras, como um espaço que se aprende, se cria, se renova o olhar e a alma. E quando pensamos na inteireza da criança pensamos não só na dimensão do cuidado, mas também no respeito pelas suas culturas.

Na pesquisa com crianças devemos conceber atitudes e pensamento que considerem a diversidade dos atores sociais, sua autonomia e a dimensão ética. Pensar na criança como sujeito social e produtor de cultura tendo como meio de reflexão a sua realidade na dimensão do cuidado, da autonomia para produzir cultura com seus pares e alteridade com os adultos.

Quando consideramos as crianças como sujeito histórico, percebemos que ao longo do processo elas não foram contempladas como políticas públicas que respeitem estes atores sociais. No entanto, os direitos que lhes foram dados formalmente ao final do século XX são algumas vezes retirados na prática.

Queremos retificar as nossas crianças como sujeitos históricos bem situados, diferenciados em seus posicionamentos, nas vivências sociais e históricas que a sociedade nos apresenta, pois elas afetam esta realidade. Reiteramos também o direito de brincar, pois o brincar faz parte da cultura humana em todo tempo e lugar. Para as crianças o brincar é a construção de seu mundo e ponte de diálogo com a cultura adulta. É este o ponto que claramente evidencia a produção cultural das crianças.

REFERÊNCIAS

CORSARO, Willian Arnold. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabrielle Regius Reis. 2. ed. Artamed. Porto Alegre, 2011.

ESCOURA, Michele. **Girando entre Princesas**: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças. 2012, 163f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização**: questões éticas na pesquisa com crianças. In: Cadernos de Pesquisa. Nº 116, São Paulo, jul, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. RJ: Vozes, 1997.

ODININO, Juliane Di Paula Queiroz. **As super heroínas em imagem e ação**: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas. 2009, 321F. Tese



(Doutorado em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, Santa Catarina, 2009.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Culturas Infantis e direitos das crianças. **Revista Criança**. Ministério da Educação, nº 45, dez. de 2007.

_____. **Gerações e alteridade:** interrogações a partir da sociologia da infância. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em 2 QW

_____. A emergência da Sociologia da Infância em Portugal. **Cultura e Sociologia da Infância. A criança em foco.** [Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento] Editora Segmento. Edição Especial, 2013.

_____. **Imaginário e Culturas da Infância.** Cadernos de Educação, ano 12, nº21, p.51-69. Rio Grande do Sul, 2003.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger, TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SILVA, Juliana P.; BARBOSA, Sílvia N.F.; KRAMER Sônia. **Questões teórico metodológicas da pesquisa com crianças.** Revista Perspectiva, Florianópolis, SC: Editora UFSC/NUP/CED, v. 23, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2005.

SOUZA, Solange Jobim e; SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança na idade média: Reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação. In SARMENTO Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs). **Estudos da Infância:** Educação e prática social. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2009.Cap.4, p. 207-221.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1ed.-16 reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, Joice Melo. **Era uma vez...esta pode ser a sua história.** Campinas, Cadernos Panju, n.26, p. 59-85, 2006.

ZIBERMAN, Regina. **A Produção Cultural para a Criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

<https://ben10alien.wordpress.com/8/>

<http://sobresagas.com/a-rainha-da-neve-o-livro-em-que-frozen-se-baseou/>